

# MULHERES FUMAGEIRAS DO RECÔNCAVO BAIANO: HERANÇAS SOCIOCULTURAIS

Elizabete Rodrigues da Silva\*

O presente estudo visa delinear a composição do quadro social e as características étnico-culturais que compunham, historicamente, a região fumageira do Recôncavo baiano, na primeira metade do século XX. A pesquisa respalda-se em fontes históricas, primárias e secundárias, que consistem em documentos como “Ficha de Registro de Empregado” das Empresas Fumageiras Suerdieck e Carlos Pimentel, no período que se estende de 1906 a 1959, depositadas na Biblioteca da FAMAM; os Censos de 1940, 1950 e 1980 (IBGE); a obra do memorialista Anphilófilo de Castro (1941); além da literatura que se debruça sobre a região e que tem como expoentes Maria de Azevedo Brandão (1998) e L. A. Costa Pinto (1998). Com ênfase na formação étnico-racial da região, nas condições econômicas, grau de instrução e estado civil da população representada nas fontes históricas, o levantamento e leitura dos dados permitiu, então, traçar um breve perfil socioeconômico e cultural das trabalhadoras e trabalhadores da indústria fumageira.

**Palavras-chave:** Trabalhadoras fumageiras. Traços étnicos. Perfil socioeconômico.

This study aims to delineate the composition of the social and ethno-cultural characteristics that made historically the tobacco region of the Reconcavo Baiano in the first half of the twentieth century. The research draws upon in historical sources, primary and secondary documents that consist of horn "Employee Registration Card" of tobacco companies Suerdieck and Carlos Pimentel, the period extending from 1906 to 1959, deposited in the Library of FAMAM, the censuses of 1940, 1950 and 1980 (IBGE), the work of memoirist Anphilófilo de Castro (1941), and the literature that focuses on the region and whose exponents Maria Brandão de Azevedo (1998) and L. A. Philo Costa (1998). With an emphasis on ethnic and racial formation in the region, economic conditions, education and marital status of the population represented in the historical sources, the survey and reading of the data allowed, then trace a brief profile of the socioeconomic and cultural workers and industrial workers tobacco.

**Keywords:** Workers furnageiras. Ethnic traits. Socioeconomic profile.

## INTRODUÇÃO

O estudo sobre as mulheres fumageiras<sup>1</sup> do Recôncavo Baiano circunscreve-se à primeira metade do século XX, considerando que se trata de um período de relativas mudanças econômicas e sociais para a região, tendo em vista a implantação do parque industrial fumageiro que acelerou, dentre outros fatores, as relações de trabalho e a dinâmica urbana das cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Cruz das Almas.

Esse contexto demarca a trajetória de vida das mulheres fumageiras, como trabalhadoras, que buscaram neste cenário socioeconômico a sobrevivência material e a visibilidade social, fatos que evidenciavam e, ao mesmo tempo, transgrediam a norma patriarcal, esta que permeava as relações sociais de gênero naquele tempo e espaço<sup>2</sup>.

Partindo desta pesquisa mais ampla, o tema em

evidência, trata especificamente de delinear a composição do quadro social e as características étnico-culturais que compunham, historicamente, a região fumageira.

## TRAÇOS ÉTNICOS DA POPULAÇÃO DO RECÔNCAVO

A composição do quadro social e cultural da população fumageira, no período supracitado, é herdeira da mais ampla e histórica formação social do Recôncavo baiano, onde ameríndios, africanos e europeus se “encontraram” e, como em outras regiões, não puderam impedir o processo de miscigenação e a interpenetração de suas culturas. Apesar da participação dos europeus, em particular dos portugueses, considera-se maior a presença de traços étnicos e culturais dos indí-

\*Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres Gênero e Feminismo (Universidade Federal da Bahia); Professora da Faculdade Maria Milza – FAMAM. E-mail: betysilvaok@yahoo.com.br

<sup>1</sup>A expressão “mulheres fumageiras” aqui utilizada baseia-se na identidade de gênero, que, por sua vez, é composta e ao mesmo tempo diferenciada por identidades sociais e políticas. (SCOTT, 1997). Mas, sobretudo, perpassada por uma construção histórica das diferenças e um contexto histórico específico, revelador da experiência dessas mulheres.

<sup>2</sup>O tema das relações sociais patriarcais no contexto da indústria fumageira deverá ser tratado em um momento.

genas, e, sobretudo, dos africanos, no período em estudo, o que determina a formação étnico-cultural e social das/dos trabalhadoras(es) fumageiras(os).

Quanto aos autóctones, são esparsas as informações. Em “Histórias Menores”, Osvaldo Sá descreve que havia em Maragojipe as aldeias de Conquista da Pedra Branca, dos índios Quiriris e Tapuias e a de Santo Antônio da Aldeia, pertencente à Freguesia de São Bartolomeu, sendo dos Tupinambás. Em consequência da comunicação, através do Rio Paraguaçu, do arraial de Santo Antônio da Aldeia com o ancoradouro de Najé<sup>3</sup>, onde os índios praticavam o escambo e o que mais interessasse à sua manutenção, esta aldeia passou a pertencer à Vila de Najé. Ainda descrevendo as belezas naturais do Rio das Caboclas situado entre Najé e Maragojipe, o autor afirma que este último “produziu a maior safra de mamelucos”. (SÁ, 1981, p. 31-33).

Ainda conta o mesmo autor que “tribos valentes, aparentadas aos Aimorés”, invadiram Capanema, um dos sítios das terras maragojipanas, no século XVIII, embora muito antes Mem de Sá já houvesse “destruído aimorés da Serra da Copioba, afugento-os do litoral”. (SÁ, 1981, p. 73).

Mais à frente, em direção a Muritiba, a região era totalmente povoada pelos índios Tupinambás que, no período dos três governos gerais, somaram 47 aldeias. Somente São Félix, constituiu-se numa aldeia de índios com 20 palhoças habitadas por cerca de 200 índios. Porém, logo que o colonizador chegou à região esta população foi gradativamente sendo dizimada. Segundo Silva (2001):

Com a instituição do domínio português e a resistência indígena, instalou-se a guerra de destruição à esses índios que constituiu-se em um denominador comum na história de ocupação do Recôncavo, da qual resultou o gradativo despovoamento desta região. (SILVA, 2001, p.39).

No entanto, é sabido que os autóctones resistiram contundentemente à exploração, à dominação e a quaisquer outras formas de destruição de sua espécie impostas pelo colonizador português. Foi neste processo de luta e resistência à escravidão e ao poder sobre o seu território que os índios, mesmo sofrendo grandes baixas em seu efetivo, sobreviveram favorecendo ao processo de miscigenação do Recôncavo<sup>4</sup>.

A presença da população negra no Recôncavo está relacionada à escravidão africana que, desde a colonização até o final do século XIX, apresentava a maior concentração do Estado da Bahia. Ao examinar os inventários *post-mortem* da população desta região, do período de 1750 a 1800, Parés (2005), identificou

dentre os 1.400 cativos africanos uma maioria cujos etnônimos referiam-se a mina, jeje, nagô e angola dentre outros, termos que designavam uma pluralidade de grupos heterogêneos, mas guardavam certas afinidades linguísticas e culturais. Ressalta, ainda, que este tipo de documentação expressa o uso dessas categorias feitas comumente pelos senhores e traficantes. (PARÉS, 2005, pp. 96-97).

Eliane Azevedo (1968), afirma que a demanda dos africanos no Recôncavo da Bahia vinculou-se ao crescimento da indústria do açúcar e as plantações de fumo, sendo estas últimas para sustentar o tráfico de escravos no “comércio triangular”. (AZEVEDO, 1968, p. 7).

Quanto à evolução demográfica desta população na região, nos séculos seguintes, fez-se necessário cruzar as informações fornecidas pela Sinopse Preliminar do Censo Demográfico (1980) e os números sugeridos por Roger Bastide (1980), para obter as seguintes informações: no final do século XIX, exatamente em 1890, a população da Bahia era de 1.919.802 habitantes e, destes 75,97% eram de negros, relativamente proporcional a estes números também todo o Recôncavo, considerando que as cidades de Cachoeira e São Félix eram os principais centros de irradiação negra do Estado, pois foi nessa microrregião que se concentrou o maior número de engenhos de açúcar da Bahia. (IBGE, 1980, pp. 14-15; BASTIDE, 1980, p. 68-70; AZEVEDO, 1968, p. 4).

Mas, “as terras em volta d'água” estabelecia comunicação entre o sertão e a Baía de Todos os Santos que, com o passar do tempo, contribuiu para dissolver a distância entre as diferentes matrizes e processou significativas mudanças no quadro étnico e cultural do Recôncavo. Inicialmente a comunicação se deu através dos rios que ali desembocam e, mais tarde, através das rodovias, contribuindo para a distribuição tanto de produtos e mercadorias diversas como da população que transitava em direção à capital ou ao sertão, destacando-se nesse trajeto o porto de Cachoeira como principal ponto de encontro das pessoas e entrelaçamento de culturas. (AZEVEDO, 1968, p. 4-7). Ao longo do tempo, este trânsito de coisas, costumes e pessoas promoveu um processo de redefinição étnico-cultural e social, particularmente, para a zona do fumo que aqui é denominada de Recôncavo Fumageiro.

Assim, Lília Schwarcz (1998) afirma que “era a cultura mestiça que, nos anos 30 [do século XX] despontava como representação oficial da nação”. (SCHWARCZ, 1998, p.193). Ainda, na primeira metade do século XX, em viagem pela Bahia, o escritor austríaco, residente no Rio de Janeiro, visitou as fábricas de charutos de Cachoeira e descreveu as etapas da feita dos charutos se referindo às trabalhadoras, de modo particularizado, pelo seu tipo étnico, como “centenas de

<sup>3</sup> Anajé que significa gavião na língua nativa é um topônimo que os conquistadores deturpam para Najé.

<sup>4</sup> Para a questão vê: AMSF: **Jornal da Cidade**. Edição Especial, 10/1990; AZEVEDO, UFBA/Salvador, 1968, pp. 3-14; CASTRO, 1941, p. 34; MATTOSO, 1992, pp. 69-81; SCHWARCZ, 1998, vol. 4, cap. 3, p. 193; SILVA, 2001, pp. 39 - 43.

**moças morenas** acham-se sentadas nas salas da fábrica uma ao lado da outra e cada grupo delas exerce uma atividade diferente”. [grifo nosso]. (SWEIG, 1941, p.116).

Ao final da primeira metade do século XX, a população dessa região já se apresentava densamente miscigenada, principalmente, de um tipo étnico que Azevedo (1968) denomina de "mulato escuro". Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 1940, a população dos municípios de Maragojipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba somava 105.047 habitantes, sendo 34,14% de cor preta e 46,33% de cor parda. Em 1950, estes municípios somavam uma população de 110.253, sendo 52,75% de cor parda, ou seja, revela que a maioria era de uma população não branca, nem exclusivamente de cor preta. (IBGE/CENSO, 1950/1958, pp. 95-105).

Apesar da sobrevivência em grande parte, nesta região, da herança de elementos da cultura européia, nativa e, sobretudo, africana, a efetiva convivência entre esses povos, os frequentes deslocamentos das populações, bem como as interpenetrações sociais e culturais que se processavam em todo o Nordeste brasileiro facilitaram, particularmente ao Recôncavo, uma complexa formação étnica, cultural e social específica dessa região que, mesmo não sendo estática, contribuiu para a definição, com certa peculiaridade, das características de sua população.

Além das atividades sociais e culturais, as atividades econômicas ali desenvolvidas, também, representaram fatores constitutivos da especificidade da população de cada zona que compunha o Recôncavo, considerando que a atividade fumageira marcou, ao longo do tempo, os comportamentos, os costumes, o convívio social e até o modo de pensar e viver daquelas/daqueles que trabalharam e viveram no Recôncavo fumageiro.

## OUTRAS HERANÇAS

O Recôncavo dos canaviais, dos engenhos, aquele chamado de “celeiro da capital”, dentre outros que formavam o conjunto das áreas produtivas e, portanto ricas da Bahia, enfrentou a partir da segunda metade do século XIX, principalmente após a abolição do regime escravocrata e conseqüentemente o “quebramento das forças produtivas”, uma progressiva decadência que levou a região a perder a sua antiga importância econômica, política e social, isolando-a dos processos que desde então marcaram a vida nacional. Diferentemente da Cidade da Bahia, aonde tudo ia florescendo, “o Recôncavo açucareiro se retrai e suas áreas periféricas se marginalizam”, conforme afirma Maria de A. Brandão (1998, p. 40), dentre outros. Nesse contexto, C. Pinto descreve a pauperização da população da

região e a intensa utilização da mão de obra feminina, principalmente, na indústria fumageira e afirma que:

E não resta dúvida que é aqui, entre as subúreas do Recôncavo, que atraso e pobreza são mais visíveis e mais chocantes (...) visitar os bairros proletários de Cachoeira, São Félix, Muritiba, Maragojipe, Cruz das Almas é ver de perto a pobreza amarela da classe trabalhadora urbana dedicada à manipulação industrial do tabaco. (PINTO, 1998, p. 122 e 128).

Além do quadro econômico que se delineava na região fumageira, que já inclinamos nosso olhar em momentos anteriores, outras peculiaridades e características de cunho sociocultural que ali se desenvolveram emprestaram uma fisionomia própria à população ligada especificamente à atividade fumageira.

Quanto ao nível de escolarização das/dos trabalhadores fumageiras(os), há controvérsias. Para a indústria fumageira, Anfilófio de Castro avalia que "(...) é a ocupação de quase a totalidade do seu povo" [Muritiba], "o qual, embora com qualidades apreciáveis, é pouco instruído e pouco afeiçoado às letras". (CASTRO, 1941, p. 5). Esta afirmativa deve estender-se nas mesmas proporções para todos os outros municípios da região fumageira, pois, conforme o Censo de 1940, o total da população de cinco anos e mais de idade dos municípios de Maragojipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba era de 88.275 e destes 65.720, ou seja, 74,45% não sabiam ler e escrever. Em 1950, segue com pequena diferença, o mesmo ritmo das proporções, uma média de 70,65% de analfabetos para o total da população de cinco anos e mais de idade. (IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. R.J.: XX vol. 1958, pp. 95-105).

Considerando que a atividade fumageira se dividiu no binômio agroindustrial, é preciso não generalizar em qualquer avaliação do gênero. De certo que, a passagem das relações sociais estruturadas sob o trabalho no campo para as relações sociais estruturadas sob o trabalho fabril não determinou um corte radical nos padrões sociais vigentes, permanecendo, ainda, por algum tempo, os mesmos valores, comportamentos, bem como, a formação sociocultural da população envolvida com o trato do fumo. Contudo, quando Maria de A. Brandão, afirma que “as relações de produção determinam aí relações sociais (...)”, (BRANDÃO, 1998, p. 18), possibilita compreender que, de alguma maneira, o processo de industrialização da zona fumageira influenciou na dinâmica urbana, social e cultural e, que se analisada separadamente pode-se obter resultados diferenciados.

Assim, conforme as anotações das Fichas de Registro das/dos trabalhadoras(es) das principais fábricas charutos – C. Pimentel em Muritiba, Suerdieck em Maragojipe e Cruz das Almas, no período de 1906 até à década de 1950 –, ocorreu um processo gradativo de escolarização dessa população. Embora, deva-se considerar que se trata de uma amostra restrita e que os

dados são relativos pela flutuação do pessoal naquela localidade, mas, de qualquer maneira, trata-se da realidade cultural das/dos trabalhadoras(es) das fábricas de charutos do Recôncavo. Outro fator preponderante para esta análise é considerar que, naquele momento, tratava-se de um processo lento e que a escolarização das classes populares, ainda, não aparecia como um valor, muito menos como valor positivo. Assim, segue a amostra nas tabelas abaixo:

As relações conjugais também revelavam outra face de uma realidade característica da massa trabalhadora da região fumageira. O casamento nos moldes oficiais previstos pelo Estado e pelo Cristianismo, predominante naquele período, apresentava número bastante reduzido, cedendo lugar às uniões livres, na forma do concubinato, àquelas que Pinto denominou de “uniões conjugais extralegais, de puro amasiado, tão frequente entre as classes pobres brasileiras, especial-

mente no interior” (PINTO, 1998, p.128), mas que se institucionalizaram como uma prática recorrente nas áreas urbanas da zona do fumo do Recôncavo.

Em seu estudo sobre Muritiba, Anfilóbio de Castro identificou que “numa população entre 37 a 40.000 almas, realizando-se apenas, anualmente, 156 casamentos legais, atinge as raias do espanto pela insignificância”. (CASTRO, 1941, p. 36). Tomando o Censo de 1940, este informa que a população dos quatro municípios – Muritiba, Cachoeira, São Félix e Maragojipe – na faixa etária de 15 anos e mais, somava um total de 105.047, destes 76,88% (80.762) eram de pessoas solteiras. (IBGE. **Censo, 1940**. XX vol. 1958, pp.95-105).

Para as décadas de 1930, 1940 e 1950, uma amostra das Fichas de Registro de Empregados das Empresas C. Pimentel em Muritiba, Suerdieck em Maragojipe e Cruz das Almas, trazem as seguintes informações quanto ao estado civil das/dos trabalhadoras(es):

Tabela 1 - Grau de instrução - Mulheres

MULHER							
DÉCADA <sup>5</sup>	ALF	%	N/ALF	%	NI/O	%	TOTAL
1930	170	31.89	160	30.02	203	38.09	<b>533</b>
1940	278	55.60	145	29.00	77	15.40	<b>500</b>
1950	204	71.58	47	16.49	34	11.93	<b>285</b>
<b>TOTAL</b>	<b>652</b>	<b>49.47</b>	<b>352</b>	<b>26.71</b>	<b>314</b>	<b>23.82</b>	<b>1.318</b>

**Legenda:** ALF=Alfabetizada(o).

N/ALF=Não Alfabetizada(o).

NI/O=Não Informado ou Outros

**FONTE:** Fichas de Registro de Empregados das Fábricas Suerdieck Maragojipe/Cruz das Almas), Pimentel (Muritiba).

Tabela 2 - Grau de instrução - Homens

HOMEM							
DÉCADA	ALF	%	N/ALF	%	NI/O	%	TOTAL
1930	98	49.75	50	25.38	49	24.87	<b>197</b>
1940	121	67.60	21	11.73	37	20.67	<b>179</b>
1950	112	80.58	15	10.79	12	8.63	<b>139</b>
<b>TOTAL</b>	<b>331</b>	<b>61.87</b>	<b>86</b>	<b>16.07</b>	<b>118</b>	<b>22.06</b>	<b>515</b>

**TOTAL GERAL (MULHER E HOMEM)**

**1.833**

**Legenda:** ALF=Alfabetizada(o).

N/ALF=Não Alfabetizada(o).

NI/O=Não Informado ou Outros

**FONTE:** Fichas de Registro de Empregados das Fábricas Suerdieck (Maragojipe/Cruz das Almas), Pimentel (Muritiba).

<sup>5</sup>Foram selecionadas estas décadas por apresentarem informações mais uniformes, uma vez que as Fichas de Registro de Empregados das fábricas de charutos foram preenchidas e regularizadas a partir do ano de 1938. Para as décadas de 1910/20, as Fichas apresentam várias lacunas quanto as informações mais específicas das/dos trabalhadoras(es).

Tabela 3 - Estado Civil - Mulheres

MULHER							
DÉCADA	CAS	%	SOLT	%	NI/O	%	TOTAL %
1930	29	5.44	86	16.14	418	78.42	533
1940	68	13.60	258	51.60	174	34.80	500
1950	71	24.91	197	69.12	17	5.97	285
<b>TOTAL</b>	<b>168</b>	<b>12.75</b>	<b>541</b>	<b>41.05</b>	<b>609</b>	<b>46.20</b>	<b>1.318</b>

**Legenda:** CAS=Casada(o). SOLT=Solteira(o).  
NI/O=Não Informado ou Outros

**FONTE:** Fichas de Registro de Empregados das Fábricas Suerdieck (Maragojipe/Cruz das Almas), Pimentel (Muritiba).

Tabela 4 - Estado Civil - Homens

HOMEM							
DÉCADA	CAS	%	SOLT	%	NI/O	%	TOTAL %
1930	42	21.32	57	28.93	98	49.75	197
1940	31	17.32	82	45.81	66	36.87	179
1950	41	29.50	98	70.50	0	0	139
<b>TOTAL</b>	<b>114</b>	<b>22.14</b>	<b>237</b>	<b>46.02</b>	<b>164</b>	<b>31.84</b>	<b>515</b>
<b>TOTAL GERAL (MULHER E HOMEM)</b>							<b>1.833</b>

**Legenda:** CAS=Casada(o). SOLT=Solteira(o).  
NI/O=Não Informado ou Outros

**FONTE:** Fichas de Registro de Empregados das Fábricas Suerdieck (Maragojipe/Cruz das Almas), Pimentel (Muritiba).

Como informa os números acima, do total de 1.318 mulheres registradas nas fábricas de charutos supracitadas, no período de três décadas, apenas 12.75% declararam-se casadas. Assim, as mulheres solteiras na região tinham a primazia numérica em relação às demais. Seguidas, proporcionalmente, dos homens.

É necessário, entretanto, relativizar estes resultados, pois nesta época, muitas mulheres eram casadas “no padre” – expressão usada popularmente para designar o casamento religioso – e, neste caso, elas não eram consideradas, legalmente, casadas. No entanto, conviviam com seus companheiros/cônjuges considerando e absorvendo as mesmas regras de convivência conjugal do casamento que ocorria dentro das formalidades oficiais, por este configurar-se como um valor social e moral de alta relevância para aquela sociedade. Segundo o redator do jornal Correio de São Félix:

Indiscutivelmente, o casamento, nas suas devidas condições, é uma grande felicidade; é o aurorear de uma nova vida, pontilhada de ternuras e esperanças; é a iniciação de uma exis-

tência nova, para novos surtos de trabalho e de fé, para a segurança do futuro, que deve ser a preocupação maior daqueles que se unem e não constituem famílias. (DANTAS, 1942, n.º 67).

O casamento civil não era tão comum entre as mulheres das camadas mais baixas daquela população, por ser distante de sua realidade econômica e social, considerado um ato e um valor da elite motivado por interesses econômicos e sociais. Enquanto que, ser uma mulher solteira não significava apenas aquela que não fosse casada, mas a mulher livre, sem marido e passível de envolvimento em relações amorosas clandestinas, situação em que muitas mulheres se encontravam, embora quisessem fugir, pois era um comportamento, radicalmente, rejeitado pelos valores morais daquela sociedade.

Assim, é que o casamento na igreja era entendido e vivido por essas mulheres como uma válvula de escape, uma opção para se aproximarem do ideal comum – a convivência conjugal reconhecida – à todas as mulheres daquela época e contexto e de não serem enquadradas na categoria de “solteiras”, além do casamento religioso ser mais acessível em termos de custos

que o casamento civil.

Enfim, dados referentes ao estado civil, grau de instrução, *status* econômico e traços étnicos/raciais de uma população tão heterogênea e dinâmica no percurso de sua história não são, certamente, suficientes para delinear sua identidade sociocultural, mesmo se tratando especificamente de uma população de trabalhadoras/trabalhadores, tampouco determinam, por si só, as origens biossociais desse grupo. Contudo, esses dados, no conjunto, são representativos e permitem uma aproximação do perfil socioeconômico e cultural das mulheres fumageiras do Recôncavo baiano, na primeira metade do século XX, que fizeram parte desse cenário e que, certamente, abrigaram a mesma crença subjetiva em uma procedência comum.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Eliane S. Populações da Bahia: Genética e História In UNIVERSITAS: **Revista de cultura da Universidade Federal da Bahia**. N.º 1 (set./dez. 1968). Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1968.
- BASTIDE, Roger. **Brasil, Terra dos Contrastes**. Rio de Janeiro: DIFEL (tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz), 1980.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo. Cidade e Recôncavo da Bahia. In BRANDÃO Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.
- BRASIL. IBGE. Censo Demográfico: Bahia. Recenseamento Geral do Brasil, 1940. Rio de Janeiro: 1950 e IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: XX vol. 1958, pp. 95-105.
- BRASIL. IBGE, **Sinopse do Censo Industrial e do Censo dos Serviços – dados Gerais de 1948**. Brasília/IBGE. Rio de Janeiro: 1948. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos/censo\\_industrial\\_servicos.pdf](http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos/censo_industrial_servicos.pdf). Acesso em 20/11/2009.
- BRASIL. IBGE, **Sinopse Preliminar do Censo demográfico de 1970: Bahia/IBGE**. Rio de Janeiro: 1980.
- CASTRO, Anfilóbio de. **Muritiba: sua história e seus fados 1559 - 1941**. Digressões - Notas à Bahia. Bahia: Tipografia Naval, 1941.
- MATTOSO, Katia de Queirós. **Bahia: Século XIX: uma província no Império**. R. J., 1992.
- PARÉS, Luis Nicolau. **O processo de crioulização no Recôncavo Baiano (1750-1800)**. Afro-Ásia, n.º 033. UFBA/Bahia: 2005, pp. 87 a 132. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/770/77003304.pdf>. Acesso em: 15/11/2010.
- PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998.
- SÁ, Osvaldo. **Histórias Menores**. (Capítulo da História de Maragojipe). Gráfica e Editora ODEAM Ltda. São Félix: 1981.
- SCHWARCZ, Lilia Mortz. Nem Preto Nem Branco, Muito Pelo Contrário: Cor e Raça na Intimidade. In NOVAIS, Fernando e SCHWARCZ, Lilia Mortz. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Comp. das Letras, 1998, vol. 4.
- SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Fazer charutos: uma atividade feminina**. (Dissertação de Mestrado – FFCH/UFBA). Salvador (Ba): 2001.
- ZWEIG, Stefan. **Brasil, País do Futuro**. Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paisdofuturo.html#27>. Acesso em: 03/01/2011.

## FONTES IMPRESSAS

LOCAL	MAÇO P/ANO	JORNAL	N.º PUBLICAÇÃO
Arquivo Municipal São Félix -BA	09/08/1942	Correio de São Félix (DANTAS, Pedro J. A família)	67
Arquivo Municipal São Félix -BA	10/1990	Jornal da Cidade	Edição Especial

LOCAL	DOCUMENTO
Biblioteca da FAMAM (Cruz das Almas -BA)	Fichas de Registro de Empregado da Suerdieck. (1906 a 1998)
	Fichas de Registro de Empregado da Empresa C. Pimentel S.A. (1930 a 1988)